

Coleção Estudos Feministas



**FRONTEIRAS FEMINISTAS NA
PANDEMIA**

DIÁLOGO BRASIL – URUGUAI /2021



**Rosangela Schulz
Maria Lúcia Moritz
Vanessa Marx**
(Organizadoras)



Editora Polifonia

FRONTEIRAS FEMINISTAS NA PANDEMIA

DIÁLOGO BRASIL – URUGUAI /2021

Rosangela Schulz
Maria Lúcia Moritz
Vanessa Marx
(Organizadoras)



Editora Polifonia

Porto Alegre

2022

Todos os direitos desta edição reservados às organizadoras.

Edição

Débora Luciene Porto

Revisão e Projeto Gráfico

Editora Polifonia

Arte da capa

Pâmela Fogaça e Julia Pema

Conselho Editorial

Letícia Núñez Almeida (Universidad de la República Uruguay)

Luciana Ballestrin (Universidade Federal de Pelotas)

María Almudena Cabezas Gonzalez (Universidad Complutense de Madrid)

Maria Catarina Chitolina Zanini (Universidade Federal de Santa Maria)

Rayza Sarmento (Universidade Federal do Pará)

Teresa Marques (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Texto revisado segundo o Novo Acordo da Língua Portuguesa,
ABNT NBR 10520/2002 e ABNT NBR 6023/2018.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F935 Fronteiras feministas na pandemia: diálogo Brasil – Uruguai /2021 / organizadoras Rosangela Schulz; Maria Lúcia Moritz; Vanessa Marx. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Polifonia, 2022.

(Coleção Estudos Feministas)

170p. ; 15,5X22,5cm. - ISBN: 978-65-87420-12-7

1. Ciências Políticas. 2. Fronteira. 3. Feminismo. 4. Brasil. 5. Uruguai. 6. Pandemia - COVID-19. I. Schulz, Rosangela (Organizadora). II. Moritz, Maria Lúcia (Organizadora). III. Marx, Vanessa (Organizadora). IV. Título.

CDD 301

Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

A Editora Polifonia (www.editorapolifonia.com.br) não se responsabiliza civil ou criminalmente pelas opiniões expressas nos artigos.

APRESENTANDO O FRONTEIRAS FEMINISTAS

Rosângela Schulz¹
Maria Lúcia Moritz²
Vanessa Marx³

A ideia da publicação deste e-book é fruto do evento realizado virtualmente entre os dias 30 de setembro e 02 de outubro de 2021, denominado Fronteiras Feministas na Pandemia. Esta foi a quarta edição e deu continuidade ao diálogo, iniciado em 2015, entre as

1 Doutora em Ciência Política (UFRGS). Professora Associada do Departamento de Sociologia e Política (DESP) e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGCPol) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Representação Política, Ativismo e Gênero (REAGE).

E-mail: rosangelaschulz@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8820-5083>

2 Doutora em Ciência Política (UFRGS). Professora Associada do Departamento de Ciência Política e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGCP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenadora do Projeto de Extensão Cruzando Fronteiras – Gênero e Migração na América Latina.

E-mail: maluciamor@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3402-6543>

3 Doutora em Ciência Política e Administração (Universidad Autònoma de Barcelona). Professora Adjunta do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Sociologia Urbana e Internacionalização das Cidades (GPSUIC) e pesquisadora do Observatório das Metròpoles - Núcleo Porto Alegre.

E-mail: vanemarx14@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3595-2883>

ativistas feministas que atuam na fronteira Brasil e Uruguai. Desde então, os movimentos e organizações sociais feministas e de mulheres vêm se reunindo para debater as problemáticas que afetam as mulheres nas cidades fronteiriças, visando à construção de uma agenda política. Além das ativistas, em 2021, pesquisadoras e acadêmicas dos dois países se associaram para estabelecer uma parceria binacional entre Universidades e Movimentos de Mulheres e Feministas.

A primeira edição, ocorrida em 2015, foi resultado da parceria entre a Organização Não-Governamental (ONG) uruguaia Cotidiano Mujer⁴ e o projeto de extensão “Universidade Popular dos Movimentos Sociais: mulheres em diálogo de fronteira” (Departamento de Sociologia/UFRGS)⁵, realizada na fronteira Brasil-Uruguai, nas cidades Santana do Livramento e Rivera, reunindo mais de 70 mulheres dessa região (MARX; CELIBERTI, 2017)⁶. Posteriormente, ainda ocorreram mais dois encontros, um no ano de 2019, denominado “Jornadas Feministas de Melo”, envolvendo as cidades de fronteira Jaguarão/Rio Branco/Melo, com organização das Universidades do Uruguai (UDELAR) e do Brasil (UFRGS e UFPEL) e da ONG Cotidiano Mujer. Em 2020, em função da pandemia, o terceiro encontro que deveria ser presencial acabou ocorrendo no formato virtual, sem sede específica, denominado “Feministas en diálogo de Frontera: ¿Qué desafíos nos plantea la pandemia a las feministas en contexto de frontera?”. A convocatória para a sua realização partiu de coletivos feministas brasileiros e uruguaiois e contou com o envolvimento de quatro Universidades (UDELAR, Centro Universitário de Rivera, UFRGS, UFPEL)⁷, consolidando

4 Página da Organização Cotidiano Mujer: <https://www.cotidianomujer.org.uy>

5 <http://www.universidadepopular.org/site/pages/pt/oficinas/oficina-de-rivera---2015.php>

6 MARX, Vanessa; CELIBERTI, Lilian. Diálogo de Mulheres de Fronteira no Contexto da Universidade Popular dos Movimentos Sociais: novas metodologias e agendas. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 18, n. 43, p. 119-133, jan/jul, 2017.

7 Neste ano, estiveram envolvidos os projetos de extensão da UFRGS: “Mulheres e Cidades”(os vídeos do projeto estão no YouTube do Grupo de Pesquisa Sociologia

ano a ano a parceria entre sociedade civil e academia. A edição de 2021, sediada em Pelotas, teve como promotores o Grupo de Pesquisa Representação, Ativismos e Gênero (REAGE)⁸, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGCPOL) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), em colaboração com os PPGs de Sociologia e de Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidad de la República (UDELAR) e PPG de Sociologia da UFPEL, além da ONG uruguaia Cotidiano Mujer e a Articulación Feminista Marcosur⁹.

Ao idealizarmos o Fronteiras Feministas na Pandemia, traçamos como objetivo central dar seguimento ao fértil diálogo entre as Universidades e o ativismo social, destacando as demandas e as práticas dos movimentos de mulheres e coletivos feministas na conjuntura da pandemia. Tal reflexão foi possível devido ao intercâmbio entre as pesquisadoras e as ativistas/militantes de movimentos sociais e organizações não-governamentais; seus estudos e as realidades vivenciadas na região de fronteira dos dois países buscaram compreender o impacto da crise pandêmica sobre as mulheres e o quanto suas vidas foram negativamente afetadas. Assim, organizamos o evento com uma Conferência de abertura, dois Painéis e dois Grupos de Trabalho, buscando a relação entre academia e sociedade civil, ou seja, o diálogo entre saberes e práticas dos dois campos.

A realização do evento e a publicação deste e-book foram possíveis pela obtenção de financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) que se deu através do edital de nº 01/2021 - Auxílio para Organização de Eventos - AOE.

Urbana e Internacionalização das Cidades (GPSUIC: <https://www.ufrgs.br/gpsuic/>) e “Cruzando Fronteiras: gênero e migração na América Latina” (@cruzandofronteirasufrgs), além do projeto “Ciclo de Cinema Mulheres em Tela” da UFPEL.

⁸ Página do Grupo de Pesquisa REAGE <https://www.facebook.com/reage.ppgcpol/>

⁹ Articulación Feminista Marcosur <http://www.mujiresdelsur-afm.org.uy/>

A verba obtida também possibilitou a contratação de apoio técnico, quesito fundamental para garantir o pleno desenvolvimento do evento no formato virtual, como exigia a conjuntura da crise sanitária¹⁰. A proposta é disponibilizar gratuitamente o e-book e, assim, ampliar o público dando acesso aos trabalhos e ensaios nos Grupos de Trabalho, bem como a importante pesquisa sobre políticas públicas desenvolvidas nas cidades fronteiriças. Sem dúvida, o diálogo entre pesquisadoras e ativistas da sociedade civil ganha em qualidade, o que potencializa novas edições. Agradecemos à FAPERGS.

Para a conferência de abertura, intitulada Mulheres e Política em tempos de pandemia, convidamos duas professoras doutoras em Ciência Política, uma de cada um dos países: Constanza Moreira, Professora Titular da Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de la República (UDELAR) e Senadora da República pela Frente Ampla por dois mandatos consecutivos (2010-2020) e Céli Regina Jardim Pinto, Professora Emérita da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professora aposentada que está atuando no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH-UFRGS).

Embora as conferencistas tenham trazido particularidades vinculadas aos seus interesses de pesquisa, suas trajetórias políticas e as conjunturas de cada país, as falas convergiram ao apresentar um panorama de retrocessos da agenda das mulheres e feministas na região em função da crise sanitária. As pesquisadoras destacaram que as desigualdades a que estão submetidas as mulheres nos países da América Latina, embora os avanços em termos de políticas implementadas nos períodos de governos progressistas no Uruguai e no Brasil, foram ampliadas com a pandemia. Segundo suas observações, as mulheres foram negativamente afetadas em vários aspectos de suas vidas, no mercado de trabalho, seja com a discriminação salarial, desemprego, trabalho informal, trabalho doméstico sem direito ao “fica em casa”; pois o isolamento social

10 Deixamos aqui um agradecimento especial à equipe técnica.

com intuito de conter a propagação do vírus, consolidou e ampliou a situação de violência de gênero e violência doméstica, como demonstram as elevações de índices no período da pandemia.

Em relação ao campo da política, as falas tratam dos avanços e retrocessos em termos de direitos sexuais e reprodutivos e, em especial, trouxeram o debate sobre paridade na representação política por gênero. A professora Constanza Moreira destacou os avanços recentes em países da América Latina no tocante ao direito ao aborto, em especial no Uruguai, na Argentina e no México. A professora Céli Pinto, de forma complementar, enfatizou os retrocessos experienciados pelo Brasil na conjuntura política atual, a qual denominou de “pandemia do ultraconservadorismo”. Por fim, as duas pensadoras trataram dos avanços e retrocessos na luta dos feminismos em busca da paridade de representação de gênero na política institucional, considerando que os dois países se caracterizam por sub-representação de mulheres nos parlamentos, com destaque para a forte atuação das poucas mulheres que conseguem adentrar o campo político.

O evento contou ainda com dois painéis: Painei 1: O estado das políticas públicas na Fronteira Brasil-Uruguai; Painei 2: Como se sustenta a vida na fronteira frente à precariedade. No momento da organização do evento, pensamos que os painéis deveriam focar nas problemáticas enfrentadas pelas mulheres na fronteira física entre os dois países.

Desta forma, o primeiro painel, coordenado pela professora Rosângela Schulz, foi dedicado à apresentação da pesquisa sobre políticas públicas (ou a ausência de políticas públicas) direcionadas às mulheres na região da fronteira entre os dois países, desenvolvida pelas pesquisadoras e ativistas feministas Magali Ivañez e Ane Cruz, texto intitulado Políticas de Frontera 2021 que compõe a Parte I deste e-book. A pesquisa trata-se de uma consultoria solicitada pelo Centro de Comunicación Virginia Woolf y la Organización Feminista Cotidiano Mujer do Uruguai, com o objetivo de produzir um

documento para reflexão e elaboração de políticas de enfrentamento às crises geradas ou aprofundadas pela pandemia. Como relatam as autoras, o estudo se concentrou na região de fronteira seca entre Brasil e Uruguai, foi desenvolvida em plena pandemia, exigindo a adoção por parte das pesquisadoras e da equipe de profissionais que contribuiu para o trabalho, medidas de prevenção ao contágio do COVID-19 estipuladas pelos dois países. Dessa forma, a crise pandêmica, foco central da análise, também se tornou um obstáculo a ser superado para a realização da investigação. As pesquisadoras selecionaram as medidas implementadas no Uruguai e Brasil para atenuar o impacto da crise sanitária, com foco em cidades da fronteira, em particular Rivera – Santana do Livramento; Artigas – Quaraí; Bella Unión – Barra de Quaraí; Río Branco – Yaguarón, Chuy – Chuí. Três temas foram selecionados para averiguação: violência de gênero; saúde e trabalho. O tema violência de gênero foi subdividido em três pontos: atenção a mulheres em situação de violência durante a pandemia; serviços de atenção a mulheres em situação de VBG em cidades fronteiriças; mulheres em situação de rua. Após a apresentação dos resultados e conclusões disponibilizadas nesta publicação, as investigadoras finalizam o texto com recomendações direcionadas tanto a organizações sociais quanto a organismos públicos, gerando assim a fundamental relação entre academia e sociedade na elaboração de políticas públicas.

O Painel II, coordenado por Lilián Celiberti, teve o objetivo de trazer narrativas de mulheres atuantes em movimentos sociais. Assim, foram convidadas para o diálogo: Sandra Mendes – do Movimento Sem Terra (MST); Maria Leci Vaqueiro – Remanescentes de Quilombo Ibicuí da Armada; Myriam Sa Rosa – Bella Unión. Sindicato Unico de Trabajadoras Domesticas SUTD/Uruguay. No painel, problemas técnicos relacionados à internet e à queda da energia elétrica na região rural, acabaram por limitar as falas de duas convidadas. A representante do MST (Brasil) relatou sobre sua vivência e a necessidade de luta por direitos das mulheres dentro

do movimento, pois muitas vezes as mulheres estão associadas a cuidadoras e isso tem impacto moral e físico, além de consequências psicológicas. Ela ainda ressaltou sobre o papel da mulher na economia, por serem as mulheres que cuidam das plantações e da ordenha, e mesmo assim seus trabalhos são sujeitos à administração de seus companheiros. A pandemia prejudicou o ativismo com a demanda de isolamento e maiores dificuldades para educação dos filhos. A representante do Sindicato Unico de Trabajadoras Domésticas SUTD (Uruguai) comentou a situação da mulher na fronteira e a realidade da trabalhadora doméstica e das demissões em massa na pandemia. Relatou que é um local onde se trabalha muito e não há uma seguridade social, o que se consegue é um auxílio mínimo do Estado no formato de cestas básicas e entre vizinhos, reforçando o papel da assistência social nessa luta por direitos. Além disso, destacou a necessidade de presença do movimento feminista nas lutas por ações concretas e evidenciou a desigualdade territorial, relatou a falta de apoio acadêmico, por exemplo. As pautas trazidas pelas entrevistadas abriram espaço para um diálogo sobre o cuidado como uma tarefa de sobrevivência que deveria ser mais valorizada e mais distribuída entre toda família e sobre a sensação de solidão de muitas mulheres em suas lutas por direitos. Os problemas técnicos enfrentados pelas palestrantes nos fazem perceber as limitações de fala a que estão submetidas grande parte das mulheres que vivem e atuam em movimentos sociais fora dos grandes centros urbanos. De forma simbólica, os problemas materiais retratam as dificuldades enfrentadas por essas mulheres para sustentar a vida na fronteira frente à precariedade, marcando a emergência de políticas públicas para as populações menos assistidas.

Os grupos de trabalho (GTs) tiveram dois eixos temáticos e abordaram os ativismos de fronteira e agendas feministas (GT1) e as pesquisas sobre feminismos de fronteira Brasil-Uruguai (GT2). No GT 1 foram apresentados seis trabalhos, cujas versões revisadas compõem a Parte II deste e-book. O GT 1 foi coordenado pelas

professoras Maria Lúcia Moritz (PPG Ciência Política/UFRGS e coordenadora do projeto de extensão Cruzando Fronteiras) e Simone Gomes (PPG Sociologia/UFPel e coordenadora do LAMOV¹¹). No capítulo escrito por Luiza Damboriarena e Tatiana Ribeiro, intitulado “Mulheres ocupam o lugar dos caudilhos nas ruas da fronteira da paz”, as autoras questionam a imagem mítica do gaúcho rio-grandense cuja construção demarca os papéis sociais e as relações de gênero. Aproveitando o 8M, feministas dos dois lados da fronteira ocuparam as ruas da cidade brasileira para fazer seu silencioso, mas eloquente, protesto. Os “caudilhos”, estancieiros e militares, que dão nome às principais ruas de Santana do Livramento foram “desalojados” e as placas de identificação passaram a estampar nomes de mulheres. Com esse ato, reconheceram e homenagearam a luta empreendida por Benedita da Silva, Dandara de Palmares, Nise da Silveira, Teresa de Benguela, entre outras, que lutaram e sonharam por um mundo melhor.

Na sequência, Luana Malheiro e Rocío del Pilar Deheza relatam a experiência do movimento antiproibicionista e sua articulação com outras organizações feministas da América Latina e Caribe no artigo “A experiência da Articulação Latino-americana de Feministas Antiproibicionistas. Por uma Primavera feminista antiproibicionista: quebrando estigmas, cultivando liberdades”. Tal articulação foi iniciada em Montevidéu, Uruguai, em 2017, com objetivo de debater a política de drogas a partir de uma perspectiva feminista e interseccional. Este encontro contou com a participação de ativistas, pesquisadoras, usuárias de drogas, cultivadoras, trabalhadoras do sexo e mulheres privadas de liberdade por crimes de drogas, de diferentes países latino-americanos. O terceiro capítulo, “Ativismo de jovens feministas: revisitando o Shortaço na cidade de Pelotas-RS”, de autoria de Carla Rosane da Silva Mota e Isabela Assunção

11 Laboratório de Ação Coletiva, Movimentos e Violência: <https://wp.ufpel.edu.br/crimeacoletivas/>.

de Oliveira Andrade, revisita o “Shortaço”, manifestação de jovens feministas ocorrida em novembro de 2015 em uma escola municipal na cidade de Pelotas/RS. Foi um ato contrário à proibição do uso de shorts no ambiente escolar, organizado pelas estudantes do Colégio Pelotense. Esse protesto se deu na chamada “Primavera Feminista”, período em que outras manifestações se alastram pelas ruas das principais cidades brasileiras, protagonizadas por jovens mulheres. As autoras refletem sobre a primeira experiência dessas estudantes como organizadoras de uma ação coletiva, tendo como pano de fundo o contexto de expansão do feminismo entre a juventude.

Thaís Madruga Tabela também se dedica a pesquisar os coletivos feministas jovens em Pelotas no capítulo “Entrelaces entre os Coletivos feministas jovens em Pelotas e as Ocupações Estudantis de 2016”. Seu estudo mapeou 14 grupos, sendo a maioria deles fundado no ano de 2016. A autora destaca que as manifestações políticas protagonizadas por mulheres nas últimas décadas é um fenômeno que não se restringe apenas aos grandes centros urbanos, cidades fora deste eixo também são cenário para a organização social, em geral e das mulheres, em particular. No caso da cidade de Pelotas, Thaís constata que a estruturação e a atuação do ativismo feminista passa pela presença dessas jovens mulheres nas Instituições de Ensino Superior, porém há uma forte conexão entre esses coletivos e a experiência das estudantes secundaristas quando da ocupação das escolas. A vivência dessas ocupações fomentou e impulsionou a construção desses coletivos na cidade.

No capítulo seguinte, sob o título “Por que pesquisar sobre uma ocupação feminista? Reflexões a partir da Casa de Referência Mulheres MIRABAL”, a autora Bárbara Marinho, traz sua reflexão sobre a experiência da Casa de Referência Mulheres Mirabal, espaço localizado em Porto Alegre/RS que acolhe e abriga mulheres vítimas de violência e em situação de vulnerabilidade social. Trata-se de uma ocupação urbana, coordenada por mulheres, que busca a organização coletiva deste grupo visando emancipá-las e transformar suas vidas,

já que o poder estatal falha na sua atuação e não as protege. A partir deste estudo de caso, a autora propõe refletir criticamente sobre os modos de operar e de pensar as cidades, tendo o viés feminista como referencial epistemológico.

O capítulo nomeado “O debate sobre aborto na Câmara de Deputados do Brasil e do Uruguai: análise dos pronunciamentos das parlamentares mulheres (1985-2016)” que encerra a Parte II é de autoria de Luis Gustavo Teixeira da Silva e de Rosangela Schulz e aborda a temática do aborto a partir dos pronunciamentos das parlamentares brasileiras e uruguaias no decorrer de três décadas (1985 - 2016). O pesquisador e a pesquisadora constatam que há variações importantes na forma como este debate repercutiu no Brasil e no Uruguai, assim como o entendimento das representantes políticas acerca da interrupção voluntária da gravidez. Para essa análise comparativa, Luis Gustavo e Rosangela, estudaram os argumentos mobilizados pelas deputadas dos dois países para sustentar suas posições pró ou anti-aborto. O trabalho está balizado por duas questões: se há ou não uma relação entre a ampliação do direito ao aborto e o posicionamento das parlamentares; e a associação entre religião e a visão dessas mulheres sobre a temática. Mais especificamente, o efeito da perspectiva religiosa sobre os debates travados por elas em plenário em torno da referida questão.

A Parte III do e-book é composta pelos trabalhos apresentados no GT abordando as pesquisas sobre feminismos de fronteira Brasil-Uruguai. O GT 2 foi coordenado pelas professoras Vanessa Marx (PPG Sociologia/UFRGS e coordenadora do projeto de extensão Mulheres e Cidades) e Yandira Alvarez (UDELAR – Melo). Foram apresentados cinco trabalhos que compõem capítulos deste livro.

O capítulo “Gênero e corpos fronteiriços: trajetórias de mulheres na cidade binacional de Aceguá (Brasil-Uruguai)” de Hariagi Borba Nunes mostra como se constitui ser mulher fronteiriça em Aceguá-Acegua (Brasil – Uruguai). A partir dos estudos de gênero, feminismos decoloniais e teorizações sobre fronteira, a autora tenta compreender

a subjetivação ontológica entre habitar uma zona fronteiriça, a ilegalidade, e o contrabando em corporalidades generificadas pela categoria mulher. O objetivo geral da pesquisa resulta em entender como se constituem, experienciam e subjetivam corporalidades fronteiriças a partir da trajetória de vida intergeracional das mulheres. A temática é abordada através do estudo de uma família de cinco gerações de mulheres na cidade para saber a história das mesmas e sua relação com o território como forma de estudar a cultura e os fenômenos da região de fronteira por uma perspectiva negligenciada historicamente. A autora reforça o portunhol como linguagem fronteiriça e estabelece uma relação entre a linguagem e a mescla de culturas e costumes.

Na sequência, “Assédio moral e sexual na universidade: os desafios enfrentados pelas mulheres”, de Dulcinéia Santos, trabalha a partir de recorte de uma pesquisa quali-quantitativa, realizada pelo grupo do Programa de Educação Tutorial – Diversidade e Tolerância (PET-DT), iniciada em 2019, na UFPel. O objetivo da pesquisa foi obter informações sobre a existência de assédio moral e sexual, a partir de respostas das categorias que compõem o tecido social da UFPel. A autora tem como proposta estudar os casos de assédio moral e sexual na universidade através das entrevistas com as vítimas. O projeto ressalta como a mulher vítima de violência, como consequência do patriarcado, é uma realidade vivida em todos os âmbitos da sociedade, demonstrando como o meio acadêmico, que deveria ser um local de maior igualdade, precisaria criar ferramentas para modificar essa tendência.

Diana Azeredo no capítulo nomeado “Olhares interseccionais na análise das disputas proporcionais em 2016 e 2020 no Rio Grande do Sul”, a partir de olhares interseccionais, investiga quais foram as chances de sucesso eleitoral de brancos, brancas, negros e negras nas disputas por vagas no Poder Legislativo ocorridas nos anos de 2016 e 2020 no Rio Grande do Sul. A autora verifica o impacto da filiação partidária nas eleições brasileiras, mostrando diferenças

entre grupos ideológicos de esquerda e direita no recrutamento da sua base. Mostra que os primeiros estariam mais sensíveis às demandas de movimentos feministas e antirracistas, enquanto os conservadores teriam menos tendência ao comprometimento com pautas como o aumento da representatividade de mulheres e negros. Reconhece a possibilidades de aprimorar o estudo, observando variáveis como profissão e financiamento, além de outras unidades territoriais, e busca que a proposta possa contribuir para as reflexões acerca da representatividade partindo da perspectiva interseccional que pressupõe a articulação entre as opressões sexistas e racistas.

O capítulo que encerra a Parte III, “Atuação e sub-representação política de mulheres negras em tempos de pandemia: uma leitura sobre as eleições municipais de 2020 no município de Pelotas/RS”, de autoria de Édna Alice Duarte da Rocha e Tatiéle Diniz Brites analisa a atuação e representação de mulheres negras, no município de Pelotas, com foco especial nas eleições de 2020, ocorridas no contexto da pandemia. O trabalho descritivo e de abordagem qualitativa, busca se situar dentro do tema de raça e gênero. Demonstram como a demanda por representação em Pelotas levou ativistas, feministas e acadêmicas negras a lutarem por seu espaço na política. As autoras trouxeram dados sobre a dificuldade da inserção da mulher negra no poder público, e apresentaram os projetos desenvolvidos em Pelotas para que haja uma maior inserção desses grupos na representação da cidade.

Por fim, o evento foi encerrado com uma performance artística que buscou através da arte expressar a relação fronteiriça estabelecida entre mulheres feministas dos dois países. A performance nos foi apresentada pelo Grupo de Pesquisa Caixa de Pandora – Estudos de Arte, Gênero e Memória¹². As artistas, nosso imenso agradecimento!

12 Para conhecer o Grupo, ver: https://instagram.com/caixadepandora.ufpel?utm_medium=copy_link.

A relevância dos debates que aconteceram no evento, refletida no conteúdo dos capítulos apresentados nesta publicação, apontam para a importância de espaços que permitam não apenas compreender as dificuldades enfrentadas pelas mulheres que vivem nas zonas fronteiriças, mas também que as políticas públicas elaboradas e implementadas para essas populações que compartilham realidades binacionais, tão próximas e ao mesmo tempo tão distantes, devem ser pensadas considerando a relação binacional. Lembrando que fronteiras construídas artificialmente não retratam a vida real dessas mulheres que intercambiam violências, desigualdades, medos, saberes e soluções que devem ser considerados no desenvolvimento de uma agenda política para a região.

Com esta coletânea pretendemos contribuir com os debates sobre gênero e feminismos de fronteira, aproximando e aprofundando o diálogo entre os movimentos sociais e a Universidade. Às ativistas, nosso agradecimento e nossa solidariedade pela resistência e luta empreendidas, especialmente durante a pandemia, quando as vidas das mulheres foram tão duramente impactadas.

Boa leitura!

As Organizadoras